

Notas sôbre a evolução do vírus vacínico em animais silvestres da fauna brasileira*

Cicero Alves Moreira
Instituto Oswaldo Cruz

Desejando colaborar, embora modestamente, nas justas homenagens prestadas ao prof. HENRIQUE ARAGÃO, na passagem do 50.º aniversário de sua entrada como pesquisador no Instituto Oswaldo Cruz, resolvemos publicar esta pequena nota, resultado de estudos que fizemos no período de 1945 a 1947, quando trabalhávamos no Vacinogênico do referido Instituto.

Por esta época, a conselho do prof. ARAGÃO, Diretor do Instituto, começamos a pesquisar a sensibilidade do vírus da vacina antivariólica nos animais silvestres de nosso País.

Assim fizemos com vários animais como: mão pelada (*Procyon cancrivorus*), capivara (*Hydrochoerus capybara*), preá (*Cavia aperea*), ouriço cacheiro (*Coendu villosus*), gambá (*Didelphis aurita*), preguiça (*Bradypus tridactylus*), tatu (*Euphractus sexcinctus*), tamanduá (*Tamandua tetradactyla*), quati (*Nasua narica*), jabuti (*Testudo tabulata*), cutia (*Dasyprocta aguti*), etc.

O método por nós usado consistia em raspagem com navalha dos pêlos da região a ser feita a inoculação, assepsia dessa região com álcool; em seguida, praticávamos pequenas incisões paralelas e bastante superficiais, sôbre as quais espalhávamos a polpa vacínica diluída, idêntica à usada na vacinação dos vitelos.

Em todos êsses animais, excetuando-se a preguiça, obtivemos infecção que se desenvolvia normalmente quanto ao aspecto, incubação e duração, desenvolvimento êsse idêntico ao encontrado nos animais empregados na preparação da vacina antivariólica (vitelos e coelhos).

Quanto à preguiça (*Bradypus tridactylus*), animal bastante curioso de nossa fauna, obtivemos uma infecção tão atípica quanto ao tempo de incubação, que resolvemos escrever com maiores detalhes.

Assim é que (agosto de 1945) recebemos uma preguiça (*Bradypus tridactylus*) na qual fizemos inoculação do vírus vacínico. Êste animal ficou prêso em gaiola no biotério anexo ao laboratório vacinogênico, sendo alimentado com folhas de parreira e de imbaúba (*Cecropia* sp?).

Era observada diàriamente e para nosso desapontamento houve cicatrização rápida das pequenas incisões feitas no dorso do animal, nada aparecendo que se pudesse relacionar com a vacina.

* Recebido para publicação a 15 de Outubro de 1955.

O animal já estava fora do serviço, permanecendo porém, ainda em nosso biotério, quando notamos após 30 dias da inoculação o aparecimento na região inoculada de pequenas vesículas semelhantes as da vacina. A nossa surpresa foi grande e tivemos a impressão que se tratava de uma infecção outra, que não a produzida pelo vírus da vacina.

Com o fim de verificarmos se era ou não infecção vacínica o que apresentava na preguiça, colhemos por curetagem o material existente no dorso do animal, emulsionamos em glicerina, como se faz com a polpa colhida do vitelo, e, com êsse material, fizemos inoculação na córnea de um coelho.

Em tempo oportuno, fizemos a enucleação do olho do coelho e mandamos o material para a Seção de Anatomia Patológica para verificarmos a existência de corpúsculos de Guarnieri.

Posteriormente recebemos da Seção de Anatomia Patológica o laudo n.º 13 252 que constava do seguinte:

Data — 25-10-945.

Material: córnea de coelho inoculado com vacina retirada de preguiça.

Resultado: presença de corpúsculos de Guarnieri nas células da córnea.

Ass. Eitel Duarte, Dr.

Assim comprovamos que a infecção aparecida na preguiça tão tardiamente se tratava de vacina que evoluiu de modo diferente em relação aos outros animais, pois que normalmente em 5 dias após a inoculação, há o aparecimento de vesículas, e na preguiça somente após 30 dias foi que isto aconteceu. Em vista dêsse resultado surpreendente, fizemos, posteriormente em outra preguiça, nova inoculação, obtendo também desta vez, resultado idêntico ao da primeira inoculação.

Temos assim mais um dado anômalo sobre êsse animal, cuja biologia é tão curiosa.

SUMMARY

A note on the evolution of cow-pox virus in wild animals of Brazilian fauna.

We have tried the sensibility of wild animals of Brazilian fauna to the cow-pox virus. The following specimens were submitted to experiences: *Procyon cancrivorus*, *Hydrochoerus capybara*, *Cavea aperea*, *Coendu villosus*, *Didelphis aurita*, *Bradypus tridactylus*, *Euphractus sexcintus*, *Tamandua tetradactylus*, *Nasua narica*, *Dasyprocta aguti* and *Testudo tabulata*.

In all these animals, — excepting *Bradypus tridactylus* — we have obtained an infection with incubation (five days), aspect and duration similar to cow-pox of the laboratorial animals (calf and rabbit).

In the *Bradypus tridactylus* however, the incubation was very long. Only after 30 days of inoculation we verified the infection with the formation of vesiculae and postulae.